

# FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 100 ★ Nº 33.390

QUARTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2020

R\$ 5,00

## PIB do Brasil cai 9,7% no 2º tri de 2020

Varição do PIB em relação ao trimestre anterior, em %



# Em retração inédita, PIB cai 9,7%, e ritmo da recuperação é incerto

No período mais intenso dos efeitos da pandemia, serviços recuam 9,7%, indústria, 12,3%, e consumo das famílias, 12,5%

A economia do país registrou retração inédita de 9,7% no segundo trimestre na comparação com os três meses anteriores, segundo o IBGE. Foi o momento mais intenso dos efeitos da pandemia.

Em relação ao mesmo período de 2019, o PIB (Produto Interno Bruto) caiu 11,4%. Também foi revisado o resultado do primeiro trimestre, de -1,5% para -2,5%. Em 12 meses, a queda é de 2,2%.

O PIB está agora no mesmo patamar do fim de 2009. Com lojas, bares e restaurantes fechados, o setor de serviços recuou 9,7% no trimestre, e a indústria, 12,3%. Agropecuária cresceu 0,4%.

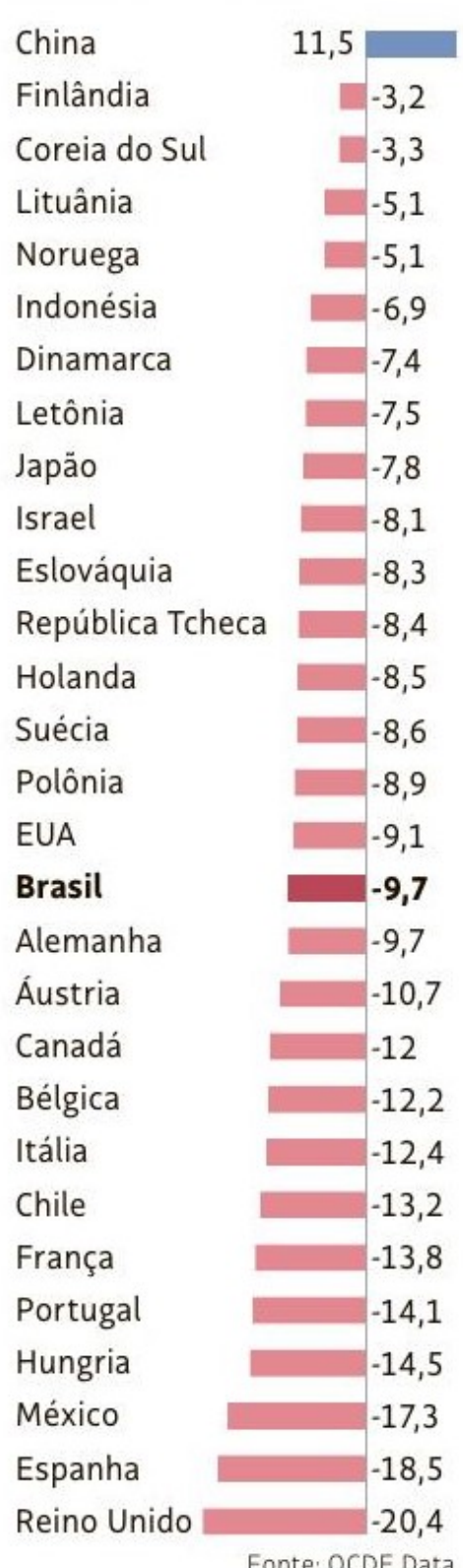
Pelo lado da demanda, a economia também perdeu seu principal eixo de sustentação, o consumo das famílias (-12,5%), que teve sua queda amenizada pelo auxílio emergencial a informais.

O país deve voltar a crescer no terceiro trimestre, mas em ritmo incerto, devido a questões como evolução da Covid, limites de gastos do governo e esperado aumento do desemprego.

“Isso é lá atrás. Isso é um impacto de lá atrás. Nós estamos decolando em V”, disse Paulo Guedes (Economia). O presidente Jair Bolsonaro se recusou a comentar o resultado. Mercado A17, A19 e A20

## Coronavírus derruba ao menos 28 países; China é exceção Mercado A20

Varição do PIB em relação ao trimestre anterior, em %



Fonte: OCDE Data

## Isso é um impacto de lá atrás. Esse é o barulho do raio que caiu em abril Paulo Guedes, sobre o PIB do 2º trimestre A19



Acompanhado de ministros (entre eles Paulo Guedes, de máscara), Bolsonaro anuncia extensão de auxílio Pedro Ladeira/Folhapress

## Estabilidade não é vaca sagrada, afirma relator da reforma administrativa A22

Estabilidade não é vaca sagrada, afirma relator da reforma administrativa A22

## Análise Vinicius T. Freire Desastre da economia expõe erros de Guedes A17

Análise Vinicius T. Freire Desastre da economia expõe erros de Guedes A17

## Análise Mauro Zafalon Agro cresce e impede queda ainda maior A19

Análise Mauro Zafalon Agro cresce e impede queda ainda maior A19

## EDITORIAIS A2

**O pior passou**  
Sobre os impactos da pandemia no resultado do PIB.  
**Retorno com segurança**  
A respeito do plano de SP para a volta às aulas.

**AUDIÊNCIA/MÊS**  
PÁGINAS VISTAS 189.213.054  
VISITANTES ÚNICOS 35.510.663

ISSN 1414-5723  
9 771414 572049 3 3390

## Governo anuncia que auxílio será de R\$ 300 até dezembro

Jair Bolsonaro anunciou que o auxílio emergencial será reduzido para R\$ 300, em quatro parcelas até dezembro. O presidente disse ainda que enviará amanhã ao Congresso uma proposta de reforma administrativa. Mercado A21 e A22

**Ilustrada B7**  
Urbanismo feminista imagina novas cidades sem vícios masculinos

**Esporte B11**  
Corinthians usa venda de naming rights para negociar dívida com a Caixa

**Projeto põe em xeque Lei da Cidade Limpa**  
Projeto de lei em tramitação na Câmara Municipal de SP que possibilita colocar outdoors em prédios gerou reação contrária de setores que temem a volta da poluição visual. B6

**Trump elogia policiais e liga atos a terrorismo ao visitar Kenosha A14**

## Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina, diz Bolsonaro

Jair Bolsonaro declarou anteontem a uma apoiadora que “ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina” contra a Covid-19. Depois, o governo divulgou que “impor obrigações definitivamente não está nos planos”. Saúde B1

**Litoral pede a Doria reforço para o feriado**  
Prefeitos do litoral sul paulista pediram a João Doria (PSDB) reforço de policiais militares para atenuar a superlotação prevista no feriado da Independência, na segunda (7). B3

**Amazônia tem 2º pior agosto de queimadas dos últimos dez anos B6**

**STJ deve confirmar hoje afastamento de Witzel**  
Após Wilson Witzel ser afastado no Rio, integrantes do Supremo passaram a defender que seja proibido a ministros do STJ retirar governadores em decisão monocrática. A8

**Câmara inicia processo que pode levar Flordelis à perda de mandato B6**

## Deltan sai, e Aras articula Lava Jato esvaziada

Sob pressão e alvo de ações internas no Ministério Público Federal, Deltan Dallagnol disse ontem que deixará a coordenação da Lava Jato em Curitiba — segundo ele, devido a problema de saúde da filha. Crítico da atuação da força-tarefa, o procurador-geral da República, Augusto Aras, avalia prorrogar a operação por um prazo mais curto e com menos integrantes. Poder A4 e A6

## Gilmar remete ao STF investigação contra Serra

O ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, determinou que uma investigação contra o senador José Serra (PSDB-SP) por caixa 2 durante as eleições de 2014 seja retirada da Justiça Eleitoral de primeira instância e remetida ao STF. Poder A10

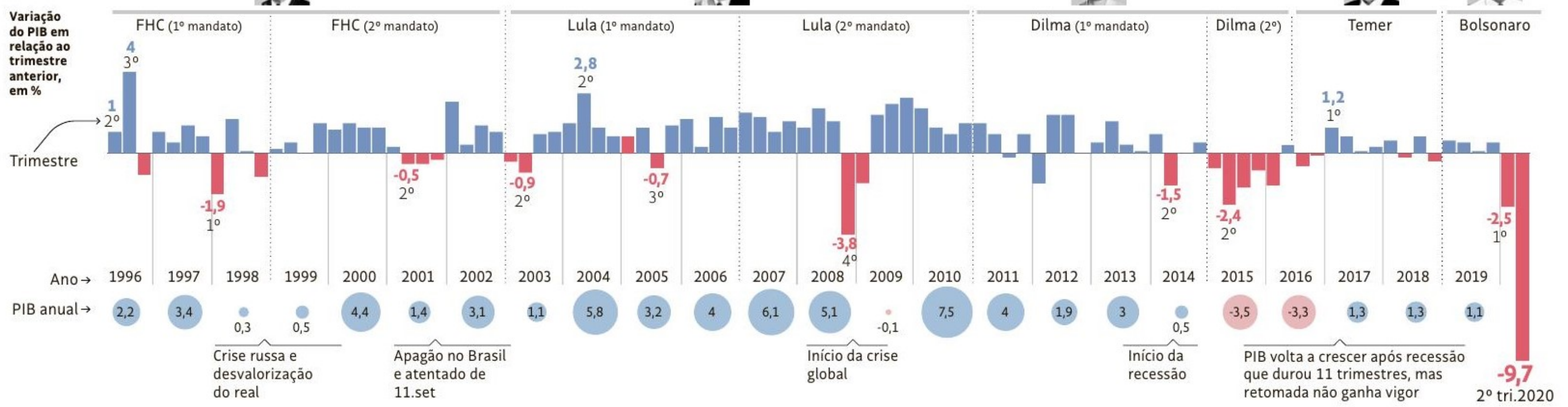
## Servidores ligados a Crivella tentam boicotar imprensa

A polícia do Rio fez operação contra grupo de servidores ligados a Marcelo Crivella sob suspeita de constranger cidadãos para desistirem de dar entrevistas em frente a hospitais municipais. A Câmara votará abertura de processo de impeachment. Saúde B2



# mercado **coronavírus**

## PIB do Brasil cai 9,7% no 2º trimestre de 2020



# PIB sofre queda histórica de 9,7%, e ritmo de recuperação é incerto

Evolução da pandemia, limite de gastos do governo e desemprego trazem incertezas para o 3º tri

Eduardo Cucolo e Nicola Pamplona

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO Depois de dois trimestres seguidos de queda, a economia brasileira deve voltar a crescer no terceiro trimestre de 2020, mas o ritmo de recuperação é incerto, devido a questões como a evolução da pandemia, os limites de gastos do governo e um esperado aumento do desemprego nos próximos meses.

A economia brasileira registrou retração inédita de 9,7% no segundo trimestre de 2020, mas o ritmo de recuperação é incerto, devido a questões como a evolução da pandemia, os limites de gastos do governo e um esperado aumento do desemprego nos próximos meses.

Esses efeitos econômicos da pandemia do novo coronavírus, como mostraram também dados de outros países.

Em relação ao mesmo período de 2019, o PIB caiu 11,4%. O IBGE também revisou o resultado do primeiro trimestre, de -1,5% para -2,5%. O PIB está agora no mesmo patamar do fim de 2009. No acumulado em 12 meses, houve retração de 2,2%. As projeções de mercado para o resultado do ano são de queda de 5,28% em 2020, seguida por crescimento de 3,50% em 2021.

Com o fechamento de lojas, bares e restaurantes, o setor de serviços recuou 9,7% no trimestre. A indústria encolheu 12,3%. A agropecuária cresceu 0,4%. Pelo lado da demanda, a economia também perdeu seu principal eixo de sustentação, o consumo das famílias (-12,5%), que teve sua queda amenizada pela concessão de benefícios do governo como o auxílio emergencial a trabalhadores informais.

O consumo do governo caiu

8,8%. O investimento, 15,4%.

Em junho, o Codace (Comitê de Datação de Ciclos Econômicos), órgão ligado ao Ibr/FGV, definiu que o Brasil entrou em recessão no primeiro trimestre de 2020, encerrando um ciclo de fraco crescimento de três anos.

Para alguns analistas, o resultado pior que o esperado pode ser compensado no segundo semestre. Solange Srour, economista-chefe da ARX Investimentos e colunista da Folha, afirma que o dado do trimestre decepcionou, mas que indicadores mais recentes mostram um ritmo de recuperação muito positivo. Ela não alterou sua projeção para o ano, de queda de 5% para o PIB, com alta de 7,5% no terceiro e 1,5% no quarto trimestre.

“Houve uma decepção grande, muito concentrada em serviços e na agropecuária. Mas não muda muito a expectativa dos agentes de que o terceiro trimestre vai ser melhor, que a economia está retomando.”

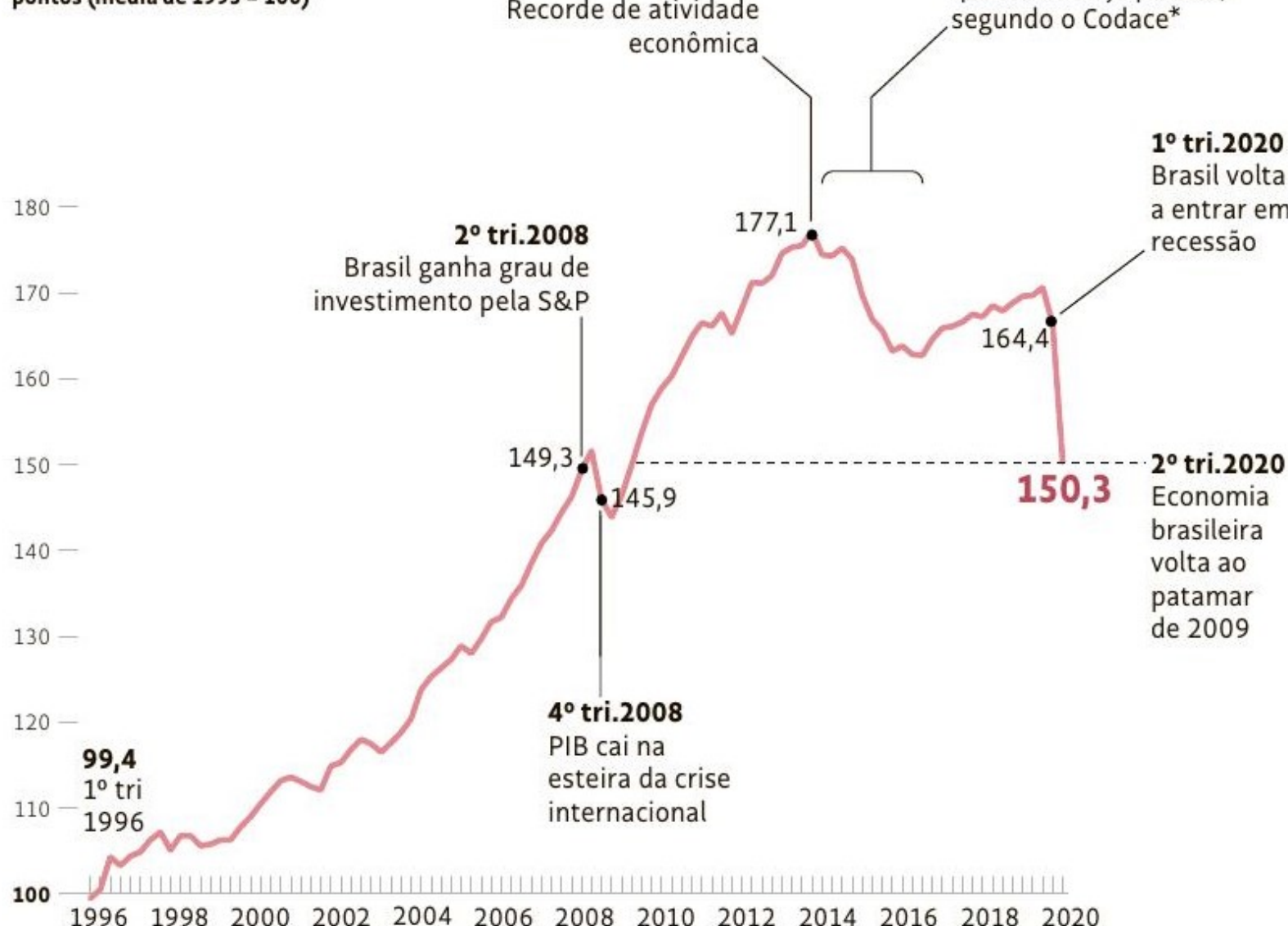
Ela afirma que, se o Brasil mantiver o número de mortes estabilizado, mesmo que em um patamar alto e que demore a cair, será possível manter a reabertura das atividades. A recuperação da economia, no entanto, tende a ser lenta, já que o desemprego tende a aumentar no próximo trimestre e há dúvidas sobre a continuidade dos auxílios do governo.

“O auxílio emergencial foi fundamental para a retomada que a gente está vendo no primeiro trimestre e vai ser fundamental até o fim do ano. A grande incógnita é quanto vai ser o Renda Brasil para sustentar o crescimento do ano que vem e ao mesmo tempo não furar o teto de gastos e criar uma grave crise de desconfiança na economia”, diz Srour.

O economista do Itaú Uni-

## Economia volta ao nível de 2009

Evolução do PIB brasileiro, em pontos (média de 1995 = 100)



\*Codace (Comitê de Datação de Ciclos Econômicos), órgão ligado ao Ibr/FGV (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas), com dados desde 1980

Fontes: IBGE, Codace

banco Luka Barbosa também não alterou a projeção da instituição para o ano, uma queda de 4,5%, com crescimento superior a 7% neste trimestre. Para ele, o auxílio emergencial é um fator menos relevante para a recuperação.

Segundo Barbosa, o principal fator é o juro baixo, que tem permitido o aumento das concessões de crédito. Outro ponto é a redução do distanciamento social, que ajudará na recuperação dos serviços. O terceiro fator é a recuperação global que deve continuar ajudando a economia brasileira.

“O quarto fator, e menos importante que esses três, é o auxílio. Se o tirarem, e precisa tirar em algum momento, e os três outros fatores conti-

nuarem a ajudar, a economia vai continuar se expandindo. O risco é não tirar o auxílio e abandonar o teto de gastos, o que piora a situação fiscal do governo, a dinâmica da dívida sai de controle, as condições financeiras se deterioram, os juros sobem, e aí você mata o principal fator, que é o juro baixo”, afirma Barbosa.

O economista Vitor Vidal, da XP Investimentos, diz que as projeções para o PIB de queda de 4,8% neste ano e crescimento de 3% no próximo estão mantidas, pois o resultado abaixo do projetado no segundo trimestre se deveu, principalmente, a um desempenho pior que o esperado na administração pública. Ele projeta alta de 6,8% no terceiro tri-

mestre. Para ele, o desempenho da economia está muito dependente da evolução da questão sanitária e também do mercado de trabalho, que deve demorar a se recuperar.

“Você ainda não está vendo todo o mundo com confiança, indo para a rua, consumindo, planejando viagem. A recuperação ao longo de 2020 vai ser gradual. Imaginar que vai ter um crescimento em 2021 muito forte ainda é difícil, muito por causa do mercado de trabalho. A gente só volta ao nível pré-pandemia no segundo trimestre de 2022”, afirma.

“A gente vai ver a taxa de desemprego explodir ainda. Ela não está tão elevada porque o número de pessoas procurando emprego está baixo. A par-

tir do momento em que tiver uma retirada dos estímulos, vai começar a ter essa pressão por procura de emprego”, diz o economista da XP.

Thiago Moraes Moreira, economista e professor da pós-graduação do Ibmec RJ, afirma que um ajuste nas projeções de mercado da pesquisa Focus do Banco Central, considerando os dados divulgados do primeiro semestre, apontam para uma retração no ano mais próxima de 6%.

Para chegar a um número entre 4% e 5%, como projetam governo e vários analistas, seria necessário um mesmo nível até o fim deste ano, mas, em sua avaliação, o crescimento será menor. Para ele, o futuro do auxílio emergencial, o comportamento do mercado de trabalho e as incertezas sobre a evolução da pandemia trazem dúvidas sobre a recuperação da economia.

“Quando se olha à frente, o viés para as expectativas é negativo. O tombo do PIB foi maior que o esperado, a extensão do auxílio foi pela metade do valor e, no mercado de trabalho, o desemprego pode ir a 23% se todas as pessoas desocupadas passarem a procurar emprego e não encontrarem.”

De acordo com Rafaela Vitória, economista-chefe do Banco Inter, a expectativa para o 3º trimestre é de uma recuperação próxima de 6%.

“Apesar da forte queda média do PIB no trimestre, é importante destacar que o comportamento da atividade não foi constante ao longo dos três meses. Abril teve retração mais significativa e, a partir de maio, já observamos melhora”, afirma.

“Os indicadores prévios de julho e agosto apontam recuperação no 3º trimestre liderada pela indústria, pela construção, e também uma retomada no varejo que se iniciou de maneira mais tímida a partir de junho, mas vem ganhando força com a reabertura da economia somada ao impulso positivo do auxílio emergencial”, diz Vitória. “Os serviços às famílias devem continuar mais impactados pelas medidas de distanciamento social e com recuperação mais lenta.”

**Leia mais da pág. A18 à pág. A22**

# Desastre da economia mostra erros de Guedes

## ANÁLISE

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO A economia brasileira foi o desastre mais ou menos esperado no segundo trimestre. O que se descobriu agora é que, mesmo antes da calamidade do vírus, o PIB já dava com a cara no chão e quebrava uns dentes, em vez de decolar, como dizia Paulo Guedes, o ministro da Economia.

Segundo a revisão do IBGE, o PIB caiu 2,5% no primeiro trimestre (ante o final de 2019), não apenas 1,5%. Ou seja, estamos em um buraco um pouco mais profundo do que o previsto. Em março, quando o coronavírus já caçava vítimas pelo Brasil e o mundo inteiro fechava as portas, Guedes dizia que o Brasil crescerá

1% em 2020. A previsão mais recente do povo do mercado era queda de 5,3%, antes de saber dos dados ainda piores do primeiro trimestre.

Guedes agora diz que a economia vai se recuperar em “V” (ou seja, cai e se levanta tão rapidamente quanto). Tomara. Até agora, não parece.

O desempenho brasileiro foi horrivelmente similar à média das maiores economias do mundo e melhor que o da maioria da Europa ocidental. No segundo trimestre, o PIB dos países da OCDE baixou 9,8% (o do Brasil, 9,7%). A OCDE é um clube de três dúzias dos países com os maiores PIBs do mundo (mas China e Brasil não estão lá).

O resultado brasileiro não foi ainda pior porque:

1) o gasto do governo foi re-

levante, grande na comparação internacional;

2) o setor externo ajudou (com uma contribuição de 2,3 ponto percentual para o PIB); as exportações resistiram, as importações caíram.

Por falar em auxílio do governo, note-se que por volta de março Guedes também dizia que com “uns R\$ 5 bilhões” se resolveria o problema da pandemia (o governo acabará gastando mais de meio trilhão de reais extras) e propunha auxílio emergencial de R\$ 200 (é no mínimo de R\$ 600).

Guedes acha que o resultado do segundo trimestre é um ruído de um acontecimento que está agora a uma distância astronômica, tão astronômica quanto seus erros de previsão e desvios quantitativos, entre outros (o Brasil decolava

no início do ano, crescerá 1% neste ano, privatizaria empresas no valor de R\$ 1 trilhão, teria déficit zero em 2019 etc.).

O terceiro trimestre decerto está sendo melhor. Sim, saímos do fundo do poço mais recente, mas ainda estamos dentro do buraco e há problemas sérios na recuperação adiante:

1) o auxílio emergencial vai ser cortado pela metade, de R\$ 600 para R\$ 300. A economia vai ter de despiorar muito rápido para criar renda bastante para compensar essa diferença;

2) o setor de serviços está muito estropiado e ainda ficará assim por meses, dada a longa duração da epidemia no Brasil;

3) o investimento em novas instalações produtivas, casas, máquinas e equipamentos se

arrastava antes do vírus; difícil ver como vai sair do chão (na verdade, do buraco) em uma economia ainda mais deprimida e com investimento público ainda mais reduzido.

Nas categorias em que o IBGE divide o PIB, o setor mais desastroso foi “outros serviços”: caiu quase 19,8% em relação ao primeiro trimestre (inclui atividades como alimentação fora de casa, hotéis e similares, serviços pessoais, profissionais liberais, saúde e educação privadas, entretenimento, cultura, esportes. A seguir, veio o setor de transportes, armazenamento e correios, com queda de 19,3%.

Juntos, “outros serviços” e “transportes” fazem quase 29% da economia brasileira. Com o comércio, são 42,4% do PIB.

Os dados mais recentes do



# Esse é o barulho do raio que caiu em abril, diz Guedes sobre queda do PIB

Ministro da Economia minimiza resultado do 2º trimestre e afirma que país 'está decolando em V'

BRASÍLIA O ministro da Economia, Paulo Guedes, comparou nesta terça-feira (1º) a queda do PIB (Produto Interno Bruto) ao "barulho de um raio" que caiu no passado.

No segundo trimestre, a economia brasileira registrou uma retração inédita de 9,7% na comparação com os três meses anteriores, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

"Isso é lá atrás. Isso é um impacto de lá atrás. Nós estamos decolando em V", disse o ministro, ao ser questionado pela Folha. "Esse é o barulho do raio que caiu em abril."

O ministro falou rapidamente com a imprensa após anúncio, pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido), da prorrogação do auxílio emergencial por mais quatro meses. Perguntado, o presidente se recusou a comentar a queda da atividade econômica.

O segundo trimestre foi o período mais intenso dos efeitos econômicos da pandemia do novo coronavírus, como mostraram também dados de outros países.

A expectativa é que a economia tenha voltado a crescer no terceiro trimestre, mas há dúvidas sobre o ritmo de recuperação, principalmente por causa das sequelas no mercado de trabalho e da situação fiscal do país.

Em relação ao mesmo período de 2019, o PIB caiu 11,4%. Ambas as taxas foram as quedas mais intensas da série, iniciada em 1996. O IBGE também revisou o resultado do primeiro trimestre, de queda de 1,5% para retração de 2,5%.

O vice-presidente Hamilton Mourão também disse que a queda da atividade econômica "está na conta". Segundo ele, o resultado do terceiro trimestre deve ser de um crescimento de cerca de 5%.

"Essa queda já estava previs-

ta e estava na conta. A gente já sabia que isso ia acontecer. Por conta da pandemia, estava precificado", afirmou. "Agora, a partir do segundo semestre, nós sabemos que vamos começar um movimento mais vigoroso de retomada."

Nota técnica divulgada pelo Ministério da Economia nesta terça afirma que a atividade de no Brasil retraiu menos do que em outros países e já está em processo de recuperação.

Documento da Secretaria de Política Econômica argumenta que a retração é uma das menores entre "as principais economias". Segundo o texto, a queda média no grupo das sete maiores economias do mundo foi de 11,9% no período, enquanto os dados foram de -13,7% no Chile, -19% no México e -23,9% na Índia.

"O resultado do PIB do segundo trimestre mostra a forte retração da atividade econômica, resultado da pandemia que assola a grande maioria dos países. No entanto, as medidas de preservação de emprego e manutenção da renda limitaram a deterioração mais aguda da economia", afirma o documento.

Segundo a nota, o ponto mais baixo do resultado foi observado em abril, e os indicadores recentes apontam que a atividade está em processo de retomada. "As projeções dos analistas de mercado [para a economia brasileira] melhoraram continuamente desde junho, devido aos resultados mais positivos dos indicadores de atividade, notadamente, varejo e indústria."

Para a recuperação da economia, a pasta defende a aprovação de reformas estruturais pelo Congresso. Entre as prioridades, estão a nova lei de falências, a abertura do mercado do gás e o novo marco legal da cabotagem. Gustavo Uribe e Bernardo Caram



**PARA GUEDES, AUMENTAR SALÁRIO MÍNIMO SERIA 'CONDENAR AO DESEMPREGO'** 'Você está no meio de uma crise de emprego terrível. Se dá um aumento de salário, vai condenar as pessoas ao desemprego. Então, nós temos que ter cuidado', disse o ministro da Economia, em audiência no Senado, na qual afirmou ainda que o aumento do salário mínimo virou um problema, por ter se tornado base para reajustes; o governo propôs na segunda-feira (31) um mínimo de R\$ 1.067 em 2021, ajustado apenas pela inflação Pedro Ladeira/Folhapress

China mantém compras, e agropecuária é o único setor a crescer no 2º tri

## ANÁLISE

Mauro Zafalon

SÃO PAULO No início do ano havia uma dúvida na agropecuária. Qual seria a atitude da China na compra de produtos alimentícios? Afinal, para evitar uma difusão do coronavírus, o país impusera restrições na circulação de pessoas e de mercadorias, o que afetou a economia.

O impacto da Covid-19 no país asiático foi menor do que o previsto, mas afetou de maneira intensa o restante do mundo. Os chineses acabaram mantendo aquecido o mercado brasileiro de commodities.

Com isso, a agropecuária repete, neste segundo trimestre, a tendência do primeiro. É o único setor a registrar taxa positiva na evolução do PIB.

Mesmo com a pandemia, a agropecuária teve uma evolução de 0,4% de abril a junho, em relação aos meses de janeiro a março.

No primeiro semestre, a alta do setor é de 1,6%, enquanto o PIB médio do país caiu 5,9%. Essa tendência deverá continuar, e a agropecuária poderá ser o único setor a ter evolução positiva no ano: de 1,5% a 2%.

O PIB da agropecuária se manteve positivo porque é no segundo trimestre que ocorrem algumas das principais colheitas do país. Além disso, parte do setor de carnes, aquecido pela China, também manteve bom desempenho.

A soja, carro-chefe das lavouras, obteve recorde de produção, somando 125 milhões de toneladas nesta safra, conforme dados revisados pela Conab. O IBGE traz números menores.

Só no segundo trimestre, o país mandou 42 milhões de toneladas de oleaginosas para o exterior. A China ficou com 30 milhões.

Outra importante cultura, o café, terá uma produção 18% superior à de 2019, segundo o IBGE. Temia-se um efeito negativo da Covid-19 sobre a colheita, devido ao emprego intenso de mão de obra, mas não ocorreu.

O setor de cana-de-açúcar é outro ponto positivo. No segundo trimestre, a produção subiu para 11 milhões de toneladas, 7,3% maior do que a de 2019.

O setor de cana-de-açúcar é outro ponto positivo. No segundo trimestre, a moagem foi 5% superior à de igual período de 2019.

O milho, o segundo maior volume de grãos no país, não teve grandes efeitos sobre o PIB. A produção deste ano deverá repetir os 100 milhões de toneladas do ano passado.

Na pecuária, o destaque fica para a suinocultura, que teve alta de 6% nos abates de abril a junho em relação a igual período do ano passado. Os setores de bovinos e de frango apresentaram quedas de 9,7% e 1,6%, respectivamente.

Com a alta no segundo trimestre, a agropecuária adicionou R\$ 125 bilhões ao PIB. É o valor que a atividade agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo, segundo o IBGE.

A agropecuária voltará a ser favorável na composição do PIB do terceiro trimestre, quando ocorrem colheitas importantes, como as de laranja, algodão, milho safrinha e continuidades das de café e de cana-de-açúcar.

## Base de retomada, consumo das famílias cai 12,5%

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO Base da recuperação após a recessão iniciada em 2014, o consumo das famílias brasileiras caiu 12,5% no segundo trimestre de 2020 em relação aos três meses anteriores. O dado foi divulgado nesta terça (1º) pelo IBGE e explica parte da queda de 9,7% do PIB (Produto Interno Bruto) no período.

O consumo das famílias é o principal componente do PIB sob a ótica da demanda (quase 70% do cálculo do indicador) e vinha sustentando a lenta retomada nos últimos anos, enquanto investimentos e mercado externo oscilavam.

Segundo o IBGE, o consumo teve contração de 13,5% em relação ao mesmo período de 2019, índice que representa a maior queda registrada na série histórica, de 1996. Foi o segundo resultado negativo da comparação após 11 trimestres de avanço.

"O índice pode ser explicado pelo isolamento social, proibição de funcionamento de algumas atividades, especialmente de serviços prestados às famílias, além da queda da massa salarial", diz o IBGE.

Segundo o órgão, o índice não caiu mais por causa dos programas de apoio do governo e de um crescimento do crédito voltado a pessoas físicas.

Os números do PIB mostram que os investimentos públicos e privados na economia recuaram 15,4%. A chamada Formação Bruta de Capital Fixo recuou 15,2% em relação ao mesmo período de 2019.

"A queda é justificada pelos

### Veja o desempenho de cada setor no PIB

Variação trimestral, em %



Fonte: IBGE

resultados negativos registrados tanto na produção interna de bens de capital quanto na construção", diz o IBGE.

O consumo do governo caiu 8,8% em relação ao primeiro trimestre — resultado influenciado por fatores como números de matrículas nas escolas públicas, internações no Sistema Único de Saúde e salários do funcionalismo.

"Na saúde, os gastos ficaram mais focados no combate à Covid-19, e as pessoas tiveram receio de buscar outros serviços, como consultas e exames, na pandemia", diz a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

"E, na educação, usamos o percentual de alunos que tiveram aulas ou não. Isso fez com que o consumo do governo caísse bastante também."

Outros dois componentes

da demanda são exportações e importações. Estas caíram 13,2%, e as vendas de bens e serviços para o exterior subiram 1,8%. Eduardo Cucolo e Nicola Pamplona

### Indústria é setor que mais sofre, com tombo de 12,3%

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO Com a paralisação quase total da indústria automobilística e cortes na produção de artigos considerados supérfluos, a indústria recuou 12,3% no segundo trimestre — o maior entre os setores pesquisados para o cálculo do PIB.

A queda foi disseminada em todos os subsectores do IBGE no formato atual. No primei-

ro trimestre, a indústria já havia recuado 1,4%, sob os primeiros efeitos da pandemia.

A indústria da transformação, a que tem mais peso no setor, teve o maior recuo (-17,5%), com forte impacto da produção de bens duráveis e de máquinas e equipamentos.

Cortes na produção de automóveis e na indústria têxtil também impactaram. São segmentos com maior dependência do consumo das famílias, que caiu 12,5% no trimestre.

No início da pandemia, com concessionárias fechadas, as montadoras chegaram a fechar 64 das 65 fábricas do país. As operações vêm sendo retomadas, mas em ritmo menor e com muitas demissões.

Por outro lado, houve crescimento em atividades ligadas ao consumo essencial, como alimentos, produtos farma-

cêuticos e de limpeza. Pesquisas mensais do instituto já mostravam que o desempenho do setor é desigual, com maior impacto em produtos supérfluos ou que tenham dependência do comércio de rua.

A indústria da construção fechou o trimestre em queda de 5,7%, puxada principalmente pela falta de investimentos em infraestrutura.

A produção de energia, água e esgoto caiu 5,5% e a indústria extrativa, 1,1%. Nesses casos, dados posteriores ao fim do segundo trimestre já mostram recuperação a níveis anteriores à pandemia — no petróleo, a Petrobras exportou em agosto volume próximo ao recorde de dezembro de 2019.

A agropecuária manteve o ritmo do primeiro trimestre, quando cresceu 0,6%, e fechou em alta de 0,4%.



mercado **coronavírus**

# Com construção, investimento deve seguir recuperação frágil

## Ociosidade na indústria e endividamento das empresas travam indicador

Fernanda Perrin

SÃO PAULO A recuperação da construção civil deve sustentar uma melhora dos investimentos a partir do terceiro trimestre, mas o indicador deve encerrar o ano em patamares baixos — em torno de 15% do PIB (Produto Interno Bruto), avaliam economistas.

Ainda que os resultados da construção estejam vindo melhores do que o esperado, a alta taxa de ociosidade na indústria, o endividamento das empresas e as incertezas quanto à recuperação da demanda seguram a retomada dos investimentos.

Segundo dados divulgados IBGE nesta terça (1º), a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), indicador que mede investimentos em máquinas, equipamentos, construção e pesquisa despencou 15,4% entre o primeiro e o segundo trimestres, quando a pandemia eclodiu no país. O PIB caiu 9,7% no período.

O tombo foi o maior desde o primeiro trimestre de 2016, quando a FBCF teve queda de 18,8%. Nos últimos dois anos, o índice vinha seguindo trajetória de recuperação tímida, na faixa dos 3% por trimestre.

“Foi uma recuperação muito incipiente. Havia um problema de ociosidade na indústria antes da Covid-19 que agora se aprofundou”, diz Rafael Cagnin, economista do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial).

Segundo ele, mesmo com a normalização da atividade observada no setor de construção civil, o problema da incerteza associado à pandemia continua presente, o que restringe a retomada da FBCF.

Para além da ociosidade, que desmotiva as empresas a investirem, Cagnin aponta o alto nível de endividamento. Com o fluxo de caixa praticamente zerado na quarentena, muitas indústrias se viram obrigadas a tomar crédito para bancar necessidades de liquidez de curto prazo.

Outro problema, segundo ele, é a redução do papel do BNDES, cujo espaço como agente de financiamento não foi totalmente ocupado pelo mercado de capitais. “O investimento vai voltar a um patamar positivo, mas com uma recuperação muito fraca, a ponto de permanecer em patamares historicamente baixos.”

O economista Rodrigo Nishida, consultor da LCA, também prevê uma trajetória de melhora gradual da FBCF, mas insuficiente para compensar as perdas observadas na pandemia. A estimativa da consultoria é que a taxa de investimento fique em 15,3% em 2020.

“O investimento tem ficado em torno de 15% do PIB nos últimos anos, isso mostra porque a economia não cresce. A retomada deve acontecer apenas quando a demanda começar a reaparecer e as expectativas melhorarem”, afirma José Francisco Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator.

Na estimativa de Gonçalves, a FBCF deve encerrar o ano com uma queda de 8%.

Nishida alerta ainda para a dependência desse movimento das medidas de sustentação da renda e do emprego implementadas para combater a crise. “Na virada do ano já surgem dúvidas quanto a continuidade dessa trajetória com a diminuição ou retirada desses estímulos.”

Já Rafaela Vitória, economista-chefe do Banco Inter, tem visão mais positiva. Ela destaca, por exemplo, que a retração no segundo trimestre se concentrou principal-

mente no mês de abril, sendo que maio e junho já mostraram sinais de recuperação.

“Vemos uma forte retomada na construção. Os indicadores de vendas de materiais de construção e o aumento do saldo de vagas do setor no Caged mostram essa volta”, diz.

Em julho, o setor teve saldo positivo de 41 mil vagas de trabalho formais, segundo dados do Ministério da Economia.

Para Vitória, o investimento está num bom momento para a recuperação, tendo em vista a redução das taxas de juros a curto e a longo prazo, bem como o crescimento do mercado de capitais.

“O investidor estrangeiro ainda não tem voltado, mas temos visto o investidor local mais disposto a dar financiamento”, diz. Ela aponta por exemplo a taxa de poupança recorde observada no segundo trimestre, de 15,2%, a maior dos últimos cinco anos.

Já do lado da indústria, Vitória é menos otimista. Dada a elevada capacidade ociosa, a recuperação dos investimentos no setor deve demorar mais para se recuperar.

## Importações despencam em agosto

BRASÍLIA | REUTERS O Brasil teve superávit comercial de US\$ 6,6 bilhões em agosto, melhor para o mês da série histórica iniciada em 1989, mais uma vez ajudado pelo tombo sofrido na ponta das importações.

O dado, divulgado nesta terça (1º) pelo Ministério da Economia, veio um pouco abaixo da projeção de superávit de US\$ 6,7 bilhões, segundo pesquisa Reuters com analistas.

Com a crise do coronavírus como pano de fundo, as importações caíram 25,1% em agosto, pela média diária, a US\$ 11,1 bilhões. Já as exportações tiveram um recuo de 5,5% na mesma base de comparação, a US\$ 17,7 bilhões.

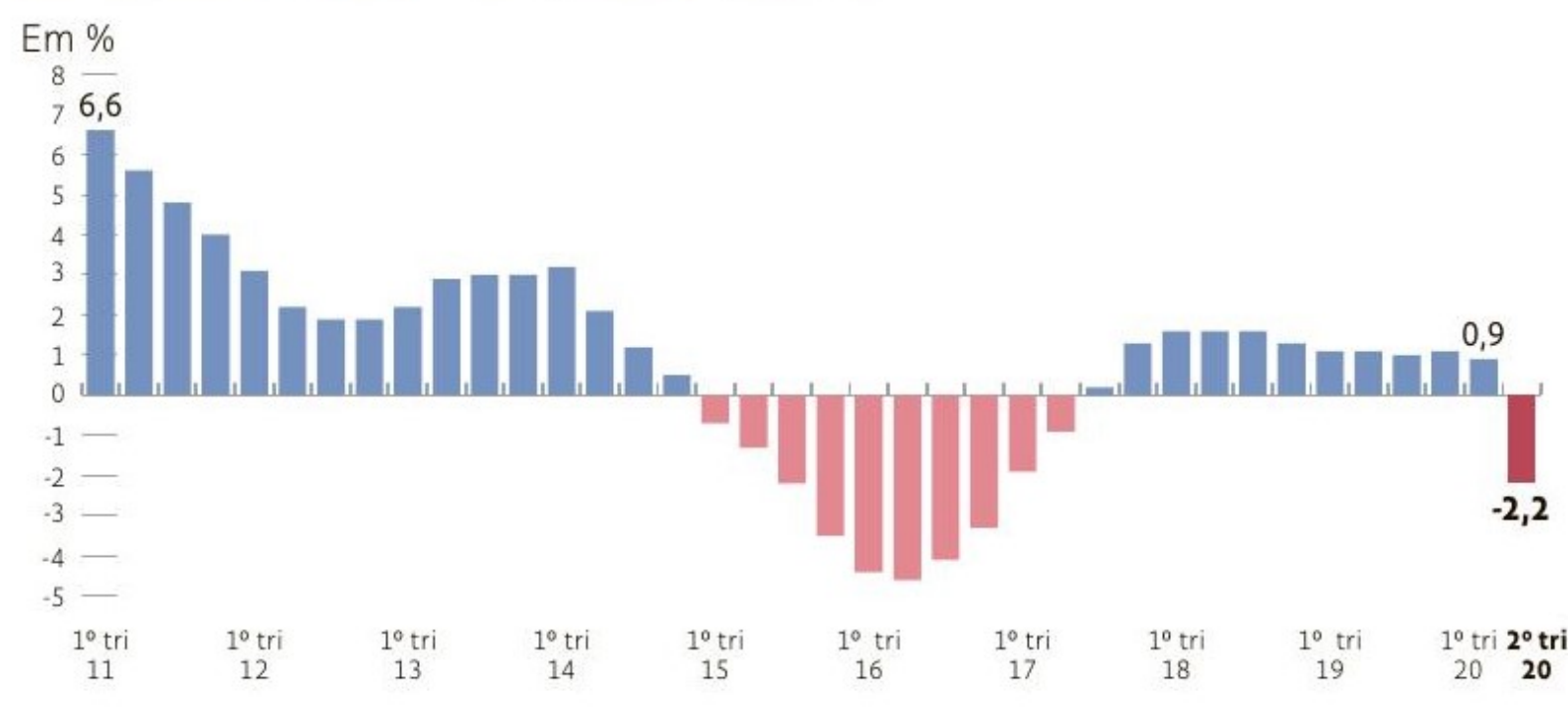
Em relação aos produtos comprados, todos os setores apresentaram queda sobre agosto de 2019. Na média diária, o maior impacto se deu na importação de produtos da indústria extrativa (-59,5%).

Já quanto a produtos vendidos ao exterior, houve crescimento, também pela média diária, apenas na agropecuária (14,6% sobre agosto de 2019).

Nos primeiros oito meses do ano, o saldo da balança comercial ficou superavitário em US\$ 36,6 bilhões, crescimento de 14,4% ante igual etapa do ano passado.

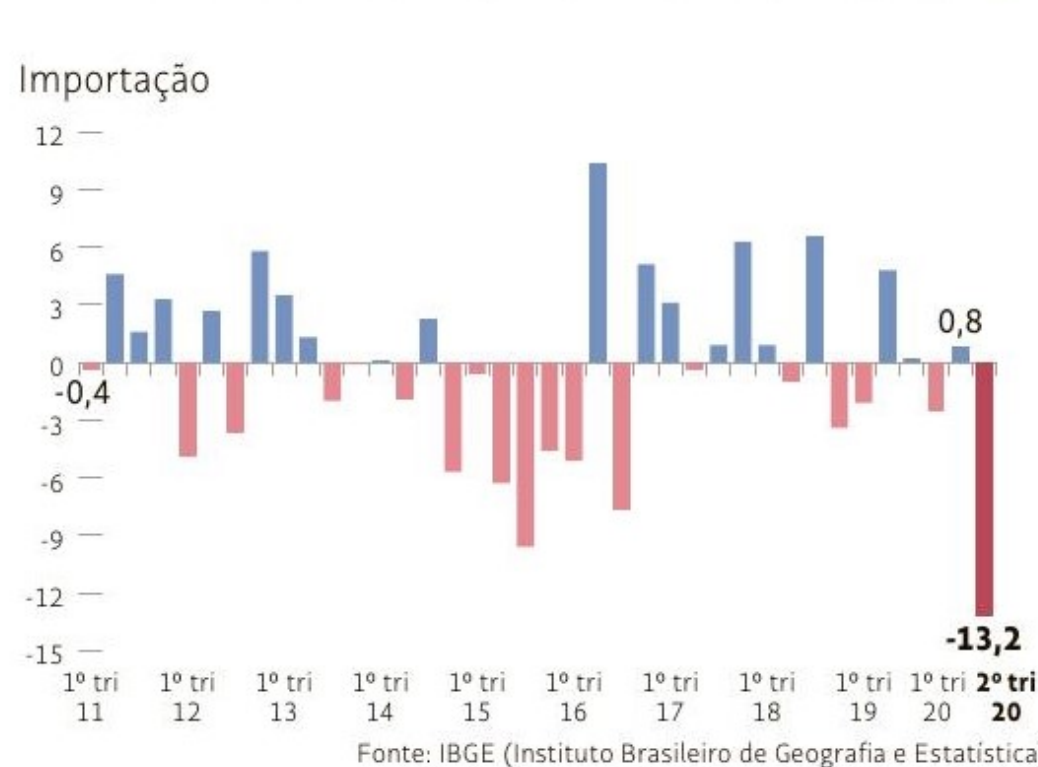
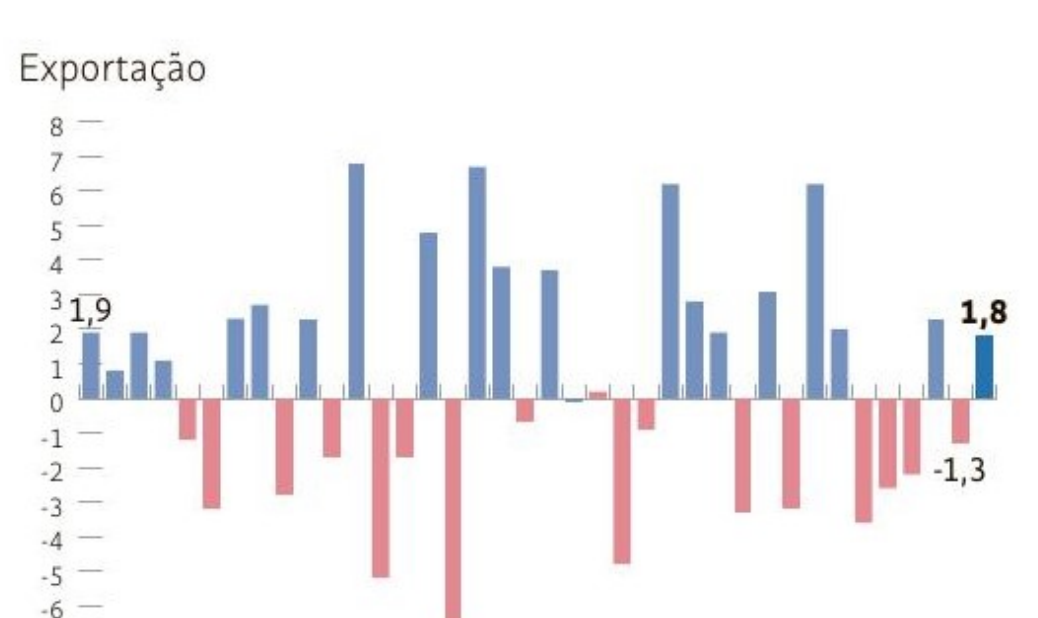
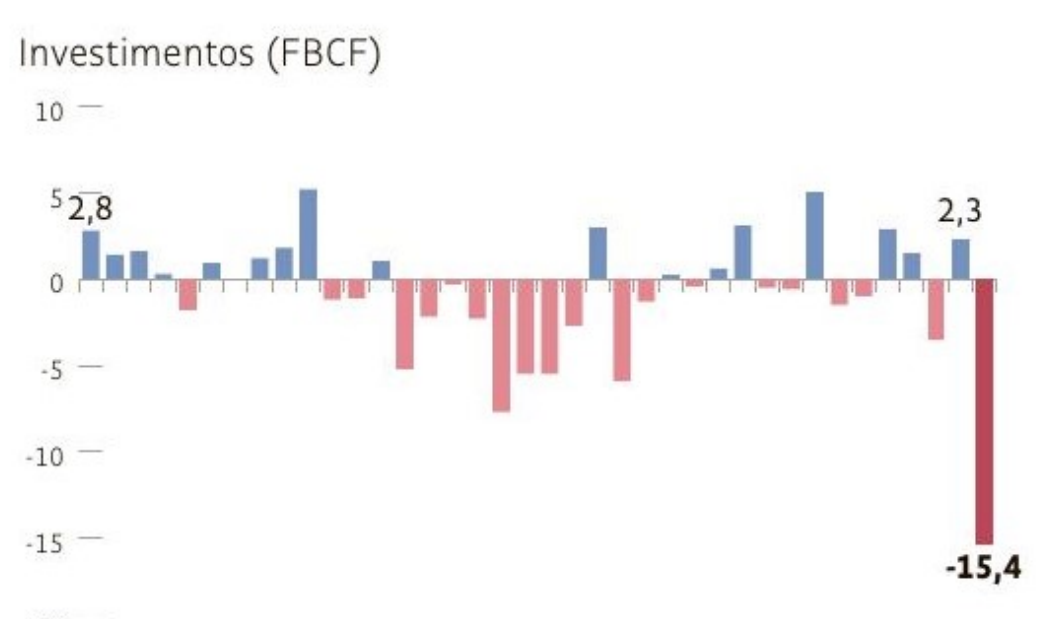
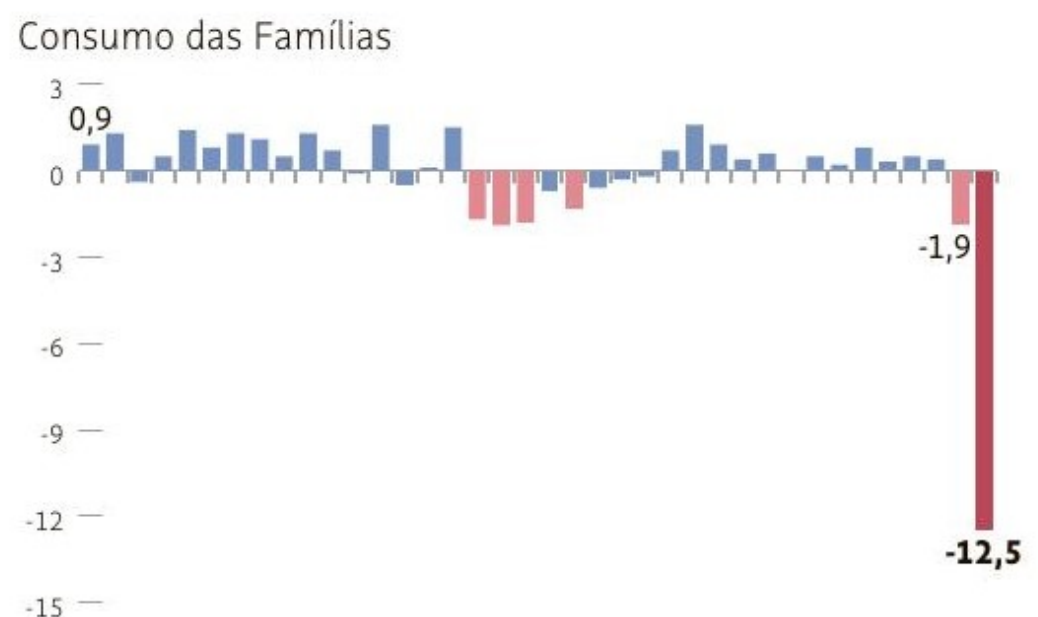
Para o ano, a pasta havia previsto em junho superávit comercial de US\$ 55,4 bilhões, com recuo de 17% para importações e de 10% nas exportações frente a 2019. A expectativa será revista em setembro e divulgada no fechamento do terceiro trimestre.

## Crescimento do PIB acumulado em 12 meses



## Comportamento do consumo e do investimento no 2º trimestre de 2020

Variação do PIB em relação ao trimestre anterior, em %



# Distanciamento social afeta consumo, e serviços despencam

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO Principal motor da atividade econômica brasileira e maior empregador do país, o setor de serviços amargou queda de 9,7% no segundo trimestre, o primeiro totalmente sob efeito da pandemia do novo coronavírus.

Foi o maior recuo desde o início da série histórica, iniciada em 1996, segundo o IBGE. O setor é responsável por 75% do cálculo do PIB (Produto Interno Bruto) e seu desempenho é fundamental para a retomada.

O impacto foi maior nos segmentos que mais necessitam de atendimento presencial, como alimentação, hospedagem e lazer. O subsetor em que elas se encaixam teve queda de 19,8%.

Já o subsetor “transporte, armazenagem e correio”, que inclui de motoristas por aplicativo a companhias aéreas, recuou 19,3%, o segundo pior desempenho do setor de serviços.

O comércio, que no cálculo do PIB é incluído no setor de serviços, fechou o trimestre em queda de 13%, também sob impacto do fechamento das lojas no país.

“A queda do comércio varejista foi menor”, diz a gerente de Contas Trimestrais do IBGE, Rebeca Palis. O setor de supermercados, por exemplo, cresceu durante a pandemia, como mostram as pesquisas mensais do instituto.

“Quando olhamos a série histórica, o PIB tem comportamento bastante relacionado com consumo das famílias, pela ótica da demanda, e com serviços, pela ótica da produção”, diz Palis.

Ela ponderou, porém, que as atividades econômicas são correlacionadas e o desempenho da indústria e da agropecuária também tem impacto nos serviços.

Dentro do setor, o maior peso está nos serviços públicos, que no segundo trimestre caíram 7,6%, impactados pela suspensão de atividades que demandam atendimento presencial, como museus e parques, e de aulas presenciais em universidades federais.

Entre os três grandes setores da economia, o de serviços é o que tem apresentado menor dinamismo com o relaxamento das medidas de isolamento. Enquanto indústria e comércio começaram já em maio a se recuperar dos tombos recorde de abril, os serviços tiveram a primeira taxa positiva em junho, mas perto do piso histórico.

Segundo o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), o setor concentra 47% dos trabalhadores formais do país, o que leva economistas a relacionar a recuperação do emprego à recuperação mais vigorosa nesse setor.

A retomada enfrenta como obstáculos as restrições ao funcionamento de parte dos locais — restaurantes com capacidade reduzida e cinemas e teatros fechados —, o desemprego, que reduz o poder de compra da população, e o temor de contaminação, que leva muita gente a evitar o risco de aglomeração.

Mudanças de hábito devem dificultar ainda mais para setores como o de turismo corporativo, cujas vendas caíram quase 90% e continuarão sofrendo efeitos do maior uso de reuniões online; ou dos serviços profissionais e administrativos, que incluem limpeza e segurança predial e devem sofrer com o trabalho remoto mais disseminado.

Por outro lado, sofreram menos no segundo trimes-

tre atividades como intermediação financeira ou imobiliárias, que tiveram alta de 0,8% e 0,5%, respectivamente.

No primeiro caso, segundo Palis, houve impacto positivo das transferências de renda, compensado pelo menor uso de planos de saúde. No segundo, houve ajuda de grande atividade de aluguel, com pessoas buscando locais para o período de isolamento, além de novas incorporações — embora a indústria de construção tenha caído 5,7%. NP e EC

## Crescimento chinês é exceção entre países afetados por pandemia

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO A pandemia derrubou as economias de praticamente todos os países no segundo trimestre de 2020. As quedas variam de 3% a 20%, de acordo com dados da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) para quase 30 países que já divulgaram o resultado do PIB no período. Na média, a queda foi de 9,5%.

A exceção é a China, que cresceu 11,5% no período, em relação ao trimestre anterior (3,2% na comparação anual). O país havia registrado o maior tombo no primeiro trimestre, de 10%, entre as economias selecionadas pela OCDE.

A China foi o epicentro inicial da doença e o primeiro a adotar isolamento e paralisação de atividades. A recuperação chinesa alimenta expectativas de que o resto do mundo tenha voltado a crescer com medidas de reabertura.

A Coreia do Sul, que fez o controle da Covid com testagem em massa e rastreamento, o que permitiu manter parte das atividades, teve queda do PIB de 1,3% no primeiro trimestre e de 3,3% no segundo.

A Suécia, que não adotou o isolamento social, registrou nos períodos, respectivamente, variações de 0,1% e -8,6%.

A maior economia mundial, dos EUA, encolheu 1,2% e 9% nesses períodos. A Zona do Euro registrou retrações de 3,2% e 11,7%, respectivamente.

Entre os europeus, destaca-se a queda de 20% no Reino Unido. Nos emergentes, o México registrou a maior retração (-17,3%).

## Pandemia derruba PIB mundial no 2º trimestre de 2020

Variação do PIB em relação ao trimestre anterior, em %

